
Adeus Macau! Repercussões de um percurso migratório nas trajectórias sociais de jovens portugueses¹

Inês Pessoa

Diz-nos Canevaci (1996: 43) que “(...) a viagem é a grande metáfora da identidade, e ao seu fim não voltamos à forma anterior”. Assim sendo, depois de concluída a grande viagem real e simbólica que a vivência em Macau representou para um conjunto de jovens portugueses, que para aí se deslocaram ainda crianças ou adolescentes nos anos 80 e 90 do século XX, quando os seus progenitores, motivados por factores vários, adoptaram aquele território como morada temporária, que balanço fazer desse itinerário geográfico, simultaneamente económico, social, cultural e identitário? A partir desta questão, propomo-nos dar conta dos efeitos da estadia em Macau nas trajectórias desses jovens, com o intuito de descortinar sinais objectivos e subjectivos, materiais e imateriais, interiores e exteriores, latentes ou manifestos dessa passagem e paragem no sudeste asiático, vestígios analisados a partir de uma tríade de dimensões profundamente imbricadas – económico-estatutária, cultural ou simbólica e identitária.

Ascensão social e reconfiguração do poder simbólico após o retorno

Conquistar ou consolidar estabilidade financeira, melhorar as condições de vida e poder um dia ver concretizados projectos há muito ambicionados, a adicionar a tantos outros factores como o fascínio pelo oriente, a oportunidade de desenvolver uma carreira profissional promissora, a fuga a problemas, quebra de laços conjugais, desestruturação identitária ou desenraizamento, etc, constituem exemplos das diversas motivações que levaram portugueses até Macau nos dois últimos decénios de administração portuguesa do território. Muitos transportavam consigo os sonhos e expectativas comuns a uma pequena burguesia em ascensão, geralmente apetrechada de razoáveis níveis de formação escolar e especialização profissional susceptíveis de satisfazer um território sedento de recursos qualificados. A maioria dispunha dos requisitos necessários para ocupar os cargos medianos ou de chefia de um sistema público e privado em acentuada expansão, dominando o português, língua que apesar de predominante na Administração de Macau, apenas era compreendida por 3% da população chinesa (Gary Ngay, 1997: 73). A esses móveis aditavam-se relatos de triunfos alcançados por amigos e/ou conhecidos ainda instalados naquele território ou já regressados a Portugal, autenticando as promessas de uma mobilidade social ascendente tão célere quanto acentuada. Chegados a Macau, as narrativas de sucesso que outrora os chamaram para o território tornaram-se suas, para isso tendo contribuído as avultadas remunerações auferidas e o baixo custo de vida encontrado na cidade, a multiplicidade de benefícios usufruídos, em especial pelos funcionários públicos (cedência de espaço habitacional, isenções fiscais, etc.), donde o saldo entre os ganhos e os gastos mostrava-se extremamente positivo.

Tendo presente esta conjuntura, postulávamos que, à semelhança de outros movimentos migratórios (Jackson, 1991: 46; Silva e outros, 1984: 137; Amaro, 1985: 361, 367) o efeito primeiro deste fluxo nas trajectórias dos jovens portugueses que integraram este estudo, ou pelo menos um dos mais evidentes, prender-se-ia com o incremento das receitas do agregado doméstico, aumento do poder aquisitivo e alterações de padrões de consumo daí resultando, por conseguinte, a reactualização ou consolidação dos seus lugares na estrutura social. Na verdade, terão sido muito poucos a despedir-se de Macau sem um valioso “pé-de-meia” ou uma estabilidade financeira assaz razoável capaz de lhes assegurar índices de conforto e bem-estar apazíveis, se bem que o à vontade económico variasse de pessoa para pessoa (em função do capital financeiro acumulado, do tempo de permanência em Macau, entre outros aspectos). O

¹ Este artigo constitui uma síntese dos principais resultados de um estudo em conclusão intitulado “Passagens por Macau: memórias e trajectórias de jovens portugueses no Oriente”, supervisionado pelo Professor Doutor José Machado Pais.

investimento, por parte dos pais dos biografados, das economias amealhadas em bens imobiliários, em particular na pronta aquisição de um espaço habitacional próprio por aqueles que não o detinham, a par de segundas casas de praia ou de campo em diversas zonas do país, figurou com um dos mais visíveis sinais de êxito material do trajecto, atestando o florescimento financeiro da unidade familiar regressada, muito embora não tenha sido o mais valorizado nem tão pouco o que mais interferiu na redefinição identitária dos jovens portugueses. Prosperidade também espelhada por inúmeros registos de um consumismo desmesurado levado a cabo no país de acolhimento, designadamente pelo imenso património transportado de Macau (bens de consumo duradouro ou suportes tecnológicos). Como dizia um dos nossos biografados, “em Macau comprava-se o futuro” e esse futuro voou para Portugal com o regresso.

Tendo em conta que as condições de existência dos indivíduos nos reenviam para num espaço tridimensional baseado no volume e estrutura de capitais detidos, assim como na sua evolução ao longo dos tempos (Bourdieu, 1979: 128), não pode o processo de ascensão social dos jovens regressados medir-se apenas pelo mero avolumar de rendimentos financeiros ou pela aquisição de bens materiais, devendo considerar-se, em concomitância, a posse, uso e aplicação de valências complementares como as escolares, profissionais, culturais, sociais ou simbólicas. Mas também elas foram trazidas de Macau, especialmente, no que aos jovens diz respeito, sob a forma de recursos culturais e turísticos decorrentes não só da permanência num território pluricultural e pluriétnico singularizado pela diferença - de línguas e linguagens, modos de vida e padrões de referência - mas ainda das múltiplas digressões concretizadas pelo continente asiático. Socialmente apreciados e susceptíveis de seduzir e despertar a curiosidade dos conterrâneos, as narrativas e conhecimentos partilhados sobre locais, gentes e culturas, simultaneamente distintas e distantes, colocavam-nos no centro das atenções daqueles que nunca tinham saído de Portugal ou não haviam contactado directamente com realidades espaciais, sociais e culturais muito distintas da(s) de referência. E era também essa diferença, assente num espólio cultural e vivencial extremamente valioso que recheava as suas bagagens no momento do regresso, permitindo-lhes preservar ou cultivar, em Portugal, a confortável e aprazível “aura” já naquele espaço alcançada, ainda que sustentada em moldes distintos, sendo que os capitais valorizados no meio de acolhimento não eram os mesmos, nem a conspicuidade social se apoiava em idênticos alicerces. A notoriedade que sentiram ter conquistado à chegada a Macau e mantido durante toda a sua estadia derivava do inflacionado estatuto de elite desfrutado no meio hospedeiro pelo facto de integrarem a comunidade governativa, possuírem um capital de portugalidade sobre-cotado e serem filhos de quadros intermédios, de direcção e chefia conceituados na esfera laboral. Em Portugal, por seu turno, adviera quer da posse e ostentação mais ou menos flagrante (ou estratégica) de um acervo material e simbólico então relativamente escasso no país e de um modo geral vedado ao jovem português, quer do ecletismo referencial cravado nos respectivos sistemas identitários.

Signos de “asiaticidade” nos quotidianos dos jovens portugueses

Para além dos benefícios sócio-económicos da estadia, ponderávamos a hipótese de contágio cultural como consequência da instalação relativamente prolongada dos jovens portugueses numa cidade pluriétnica - se bem que de dominância chinesa (em termos populacionais e em matéria de línguas e dialectos, matrizes de referência, credos religiosos, práticas e costumes). Contágio que pressupúnhamos favorecido para os jovens, por se encontrarem numa fase da vida pautada pela estruturação e recomposição identitária, em que a busca, exploração e apropriação de orientações é aguçada, apresentando, assim, condições propícias à incorporação de atributos conectados com o espaço onde gozaram a totalidade ou uma extensa parte do processo de socialização primária e secundária. Mas esta influência não sofria, em nosso entender, apenas de um “efeito de idade”, tendo oscilado com variáveis outras como a duração da estadia, a política governativa, os níveis de vinculação a Portugal e à cultura portuguesa, o tipo de vivência intra-comunitária, as modalidades de imersão na realidade habitada, de interface com os membros da demais comunidades representadas, bem como de participação nos seus quotidianos.

Ora, apesar de termos detectado, por parte dos portugueses em geral e dos jovens em particular, uma modalidade de inserção na sociedade hospedeira propensamente disjuntiva ou “eticizada” (Pena Pires; 2003: 100), assente numa distância cultural inter-comunitária acentuada e saliente - ainda que em algumas dimensões “aculturativa” e mais raramente “assimilativa”² - a avaliar pela sua postura tendencialmente luso cêntrica, o trato algo distante com a população local, em especial com a chinesa e a escassez de alianças inter-étnicas encetadas, esse endocentrismo não foi, contudo, suficiente para obstar que os jovens incorporassem um conjunto de signos de asiaticidade e que os amalgamassem com referentes ocidentais, mediante um processo de “descontextualização e des-simbolização” signífica (Canevacci, 1996: 53), seguido de recontextualização, reutilização, resignificação ou resemantização. Tal processo de entrosamento étnico-cultural leva-nos ao encontro de linguagens culturais mescladas cujo produto ultrapassa a soma das partes e cujas designações se multiplicam de forma quase proporcional ao vasto somatório de autores que as estudam: “bricolage” (Lévi-Strauss), “policultura” (Hewitt), “sincretismo” (Gilroy e Alund), “hibridismo” (Gilroy), “criolização” (Drummond, Hannerz) (in Wulff, 1995: 63, 77-78), a estes juntando-se o de “novas etnicidades” (Les Back, 1996: 159), “terceiras culturas” (Featherstone, 1990: 1-13; 1997: 88-89) ou ainda “marronização” (Canevacci 1996: 28). Com o intuito de melhor representar a realidade em estudo, também nós acrescentávamos dois novos vocábulos, os neologismos ocidental/ocidentalização, sendo que particularmente elucidativos desse entrosamento entre referentes de um ocidente e de um oriente espacial, cultural e simbolicamente cada vez mais difíceis de delimitar.

Com efeito, a inevitável coabitação espacial dos jovens portugueses com chineses e macaenses radicados num território de modestas dimensões que em duas décadas cresceu de 18 para 27 km²; as diárias interacções (amiúde superficiais) com eles estabelecidas nos locais públicos; a progressiva, ainda que sempre relativa, diminuição dos níveis de estranheza face aos seus códigos, linguagens, hábitos, práticas, usos e crenças; a participação nalgumas festividades de feição chinesa; a apreciação e o acesso a uma parcela de elementos produzidos ou consumidos pelos locais acabaram por criar uma série de “zonas de contacto” (Pratt referido por Les Back, 1996: 6, 23) susceptíveis de enfraquecer, em algumas dimensões, fronteiras étnicas mais ou menos rígidas e estimular a abertura de poros a determinadas incorporações do outro, mediante processos de socialização informal.

Em matéria de usos linguísticos e de imagem exterior tais incorporações revelaram, em Portugal, uma expressão fortuita e contextual: como a aprendizagem do cantonês não ultrapassou, de uma forma geral, um conjunto limitado de frases suficientes para que os portugueses pudessem em Macau satisfazer as suas necessidades básicas e práticas quotidianas, os poucos vocábulos trazidos da sociedade hospedeira só são lembrados pelos jovens no âmbito de encontros com amigos de Macau ou, pontualmente, nas suas incursões a restaurantes chineses (ainda assim, houve quem decidisse aprender a língua já depois do retorno). Quanto à imagem exterior (indumentárias e adereços), esse marcador de “identificações e “identizações” (Madureira Pinto, 1991: 218), se bem que na fase de reinstalação em Portugal alguns tivessem personalizado a sua aparência com influências inspiradas pelos múltiplos e distintos ambientes civilizacionais atravessados (usando saias indianas, camisas nepalesas, sandálias de couro, ou adornos artesanais), as preferências dominantes mostravam-se menos devedoras da passagem por Macau ou pelo continente asiático do que da apropriação de uma cultura juvenil globalizada e massificada, resultante da mistura de culturas globais, nacionais, regionais, locais, de simultâneos e complementares processos de “globalização do local” e de “localização do global” a que se reportam autores como Featherstone (1990: 1-13; 1997: 83-100), Appadurai (1990: 307), Fortuna (1999: 13-17), Liechty (1995: 178), Giddens (1992: 50, 84, 96; 1997: 19-20), Stuart Hall (1992: 302-304).

Ao nível gastronómico os signos de asiaticidade obtiveram maior visibilidade, não fosse esta uma das dimensões culturais com níveis de assimilação ou aculturação mais

² Sobre as modalidades de inserção dos migrantes no meio de acolhimento ver, por exemplo, Jackson (1991: 75-79); Hutnik (1991:124), Pena Pires (2003: 95-116) ou Neto (1993: 40).

acentuados no meio hospedeiro. Generalizada é a visita regular de restaurantes étnicos (chineses, indianos, japoneses), onde o espontâneo manuseamento de *fait-shis* (pauzinhos) é efectuado com a maior destreza, bem como a utilização doméstica de utensílios próprios para confeccionar receitas chinesas, ou antes pratos *ocidentais*, salpicados com iguarias de variadas proveniências e dos quais resultam verdadeiras cacofonias gastronómicas, também elas desterritorializadas e reterritorializadas.

Quanto aos espaços habitacionais dos jovens, permanecem repletos de testemunhos da passagem pelo continente asiático sob a forma de uma amalgamada estética domiciliar, espelhando a dialéctica entre global/local, assim como a simbiose entre objectos massificados e artesanais (mobiliário, tapeçarias, antiguidades, objectos decorativos, constituem exemplos do espólio adquirido em Macau, Hong-Kong, China continental, Índia, Filipinas, Nepal, etc.). Quais caracóis, com a casa às costas já que se tratava de uma transposição quase integral da esfera domiciliar de Macau para a portuguesa - não obstante a qualidade dos bens, assim como a diversidade de estilos e opções decorativas evidenciados - conjugando-se harmoniosamente com os signos "ocidentais". Tratou-se justamente de "Embalar a ordem tradicional dos 'móveis' para, em seguida, recolocá-los num ambiente doméstico diferente, com outra ordem" como refere Canevacci (1996: 35).

É certo que, no presente, a penetração desenfreada da cultura asiática no mercado português e a sua progressiva massificação em termos de oferta e procura, mediante um hipotético processo de *ocidentalização* ou de *ocidentalização* do país e do mundo, vieram extorquir a estes signos parte da sua singularidade, ameaçando por arrastamento a dos seus consignatários. Porém, quando os jovens regressaram para Portugal, sendo a circulação destes bens ainda escassa e inacessível à generalidade dos consumidores, este visual exótico aliado à sonoridade *high tech* dos equipamentos tecnológicos de vanguarda trazidos de Macau operavam como instrumento de afirmação identitária e diferenciação sócio-cultural, contribuindo para a distintividade dos jovens portugueses e seus núcleos familiares no seio dos seus circuitos de relacionamento, ou não estivesse esta panóplia de objectos - cujas características como o exotismo, originalidade, sofisticação se transferiam para os seus usuários - investida de um forte "valor sígnico ou simbólico" (Baudrillard, 1995a: 59-60, 1995b: 9-14), para além do seu "valor de troca" (custo) ou "valor de uso" (utilidade ou função).

Também as credices populares que em Macau coloriam os quotidianos chineses, conferindo-lhes uma atmosfera de magia e alquímica acabaram por contagiar intensamente alguns jovens mais sugestionáveis por estas expressões culturais. Constituem exemplos a numerologia (associação de algarismos a um dado significado), o uso de amuletos (como espelhos oitavados), o acatamento das sugestões do *Feng-Shui* (prática que busca a harmonização energética dos espaços), bem como a auscultação das premonições do *I-Ching* (oráculo chinês). A estas práticas junta-se a frequência de aulas de *Yoga* ou *Tai-chi*, algo a que em Macau muito poucos prestaram atenção pelo facto de se orientarem, no decurso da adolescência, por outros referentes, lusófonos ou anglo-saxónicos. Para além destes, signos adicionais de asiaticidade povoam de forma difusa, intermitente e mais personalizada as vivências destes jovens em Portugal, os quais se manifestam em opções tão diversas como o uso de cabaias chinesas em celebrações matrimoniais (algo que acabou por virar moda para muitas portuguesas); a oferta a convidados de *fait-shis* com o nome do casal gravado, como lembrança do próprio casamento; a escolha das palavras Macau, Xangai ou outras relacionadas com a passagem pelo sudeste asiático para *passwords* ou endereços electrónicos; o uso de *t.shirts* decoradas com elementos simbólicos da China, etc. Tal como em Macau sacralizavam, pelo seu valor de raridade, certos referentes portugueses, afirmando por meio deles a sua pertença étnica, valorizam, agora em Portugal, signos de asiaticidade, como se procurassem cimentar essa dimensão *ocidentalizada* da sua identidade que se vira dilacerada com a partida.

Fascínio pelo diferente e identidades *camaleão*

O modo como os jovens portugueses lidam hoje com a diferença (seja ela de âmbito cultural ou outra) integra igualmente o rol de efeitos da vivência em Macau nos seus sistemas

identitários. Revelam, assim, uma imensa abertura, aceitação e receptividade do outro, e menos resistência ao desconhecido ou estranho, a padrões considerados desviados ou marginais aos que regem a sociedade onde estão inseridos. Esta tendência para a descoberta da alteridade havia sido estimulada na sociedade hospedeira, não só no que toca aos elementos do exogrupo, aos quais se associavam modos de estar e parâmetros de referência distintos, mas em paralelo, aos pares do endogrupo, pois sendo baixo o somatório de portugueses presentes e menor ainda o quantitativo de jovens, o convívio “imposto” entre conterrâneos que não partilhavam outras afinidades para além da condição étnica (o entendimento linguístico e o sentimento de ligação a um território comum), o estatuto de residentes temporários, a posse de capital de portugalidade e do poder simbólico dele decorrente, coagia-os a adaptar-se às divergências intra-comunitárias e a construir pontes de comunhão inexistentes à priori. Como resultado, mostraram ter absorvido ao nível identitário aquilo que muitos defendem singularizar a identidade cultural de um território ímpar como Macau, isto é um espaço marcadamente sincrético em termos populacionais, linguísticos, religiosos, arquitectónicos e patrimoniais, artístico-culturais, gastronómicos, vivenciais e onde os signos ocidentais e orientais, bem como as marcas do passado, presente e futuro se harmonizam pacificamente (Sheng Yan, 1996: 639; Rocha, 1997: 49; Ngay, 1995: 35-38; 1997: 68, Wu Zhiliang, 1993: 601). Pluriculturalismo inter-comunitário mas também intra-comunitário, sendo que muitos residentes desenvolviam, em paralelo, práticas contextualizadas por referentes lusófonos, sinófonos ou outros, consoante os seus interesses ou necessidades. Por outras palavras, sendo Macau uma representação por excelência desse *ocidente* e tendo em conta que os sistemas identitários pessoais e sociais absorvem e reflectem em graus variáveis as identidades espaciais que os enquadram, no caso específico de Macau, esse reflexo foi profundo e evidente, já que a *ocidentalidade* territorial penetrou nas pautas referenciais dos muitos que por lá passaram.

Paralelamente, esse contexto pluricultural conduziu a que muitos jovens portugueses se tivessem transformado, após o seu regresso a Portugal e passada a fase inicial de adaptação, numa espécie de camaleões, deambulando com relativo à vontade por inúmeros espaços de sociabilidade, culturas ou “tribos” juvenis, para usar a designação de Maffesoli (2000: 28), adaptando-se com facilidade a novas situações e permanecendo disponíveis para renovar amizades (não raramente pautadas por contactos fugazes), conhecer diferentes locais, experimentar distintas práticas e consumos, aceitar modos de vida alheios ao seu, sendo nesse investimento, ao mesmo tempo disperso e dilatado, que exteriorizavam a multiplicidade de experiências vividas, de influências sofridas, de referentes acumulados ao longo das suas trajectórias de vida - as originais ou herdadas, as interiorizadas no(s) cenário(s) migratório(s), as adquiridas no decurso da participação num mundo globalizado ou “distendido” como refere Giddens (1992: 50), exibindo identidades emaranhadas, plurais, sobre-nutridas, processuais, sincréticas, dotadas de avultada plasticidade. Dito de outro modo, transformavam essa pluralidade de pautas culturais num poderoso instrumento de circulação social e sociabilística. A atracção pela diferença, via-se, porém, relativizada quando se escondia, por detrás do espírito de abertura ao outro, uma certa incompreensão face aos conterrâneos que, por não terem sido socializados em contextos de avultado “contraste cultural” (Machado, 1992: 124-125), nem desfrutado de um alargamento significativo dos seus parâmetros sócio-culturais de referência, mostravam-se mais desconfiados e reticentes perante propostas distintas e renovadas.

Nomadismo identitário: Portugal, porto de abrigo; o mundo, eixo de referência

Como referido, a estada em Macau proporcionou à generalidade dos portugueses o contacto com uma multiplicidade de culturas e lugares, levando os jovens a conhecer modos de vida, expressões culturais, inclinações e disposições diferenciadas, a alargar e multiplicar as suas esferas de circulação, tendo-lhes inculcido a curiosidade pelo outro, aguçando a atracção pelo diferente e infamiliar. Ademais, a “reparametrização” gerada pela deslocação para o sueste asiático, a vivência num espaço que não o de origem, o aclimatar-se à permanente flutuação de pessoas, a concretização de numerosas viagens por aquela região, para além das visitas anuais ou semestrais a Portugal, acostumou-os a uma forma de estar em trânsito, aguçada pela

transitoriedade inerente à sua condição juvenil e às sociedades contemporâneas (Pais, 2000: 219-223).

Embora muitos estudos sobre o retorno nos levem a conceber este movimento como o encerrar de um processo aparentemente não retomado, isso nem sempre acontece: verificámos que os jovens portugueses, depois de reinstalados em Portugal e não obstante a sua vinculação ao país em termos de referências identitárias primárias – linguísticas, familiares, sociabilísticas e mesmo sentimentais – partilham um certo desprendimento (mais do que desenraizamento) face ao mesmo, não se vendo presos, nem tão pouco constrangidos a permanecer definitivamente dentro dos seus limites geográficos. A ele haviam regressado para se estabelecerem, mas ao fim de pouco tempo “senti[am] na alma a inquietação do viajante”, como refere Chatwin em “O Canto Nómada” (2000: 16), invadindo-os o desejo de voltar a partir, já que o estrangeiro, em tempos temido, tornava-se agora imensamente almejado, significando o quebrar de rotinas, reciclar de amizades e referentes. O retorno não satisfazia, assim, qualquer propósito de sedentarização, anunciando, de forma inversa um novo ciclo de deslocações.

Portugal, país onde nasceram ou de onde haviam saído, deixava de encarar-se como morada eterna, tornando-se num porto de passagens ou paragens mais ou menos duradouras. O convívio com um ou mais contextos migratórios numa fase da vida de transição por excelência acabou não só por gerar um efeito multiplicador de percursos subsequentes como os formatou para o transitório, o efémero, o imediato e o desconhecido, donde o vocábulo “para sempre” apartava-se dos dicionários pessoais de uns quantos jovens que pareciam integrar na perfeição o leque de figuras metafóricas da pós-modernidade assinaladas por Bauman (citado por Jones, 1999: 2) unidas pelo “horror de permanecer amarradas e fixas”. Derivado da ampliação ou multiplicação cruzada de mapas vivenciais evidenciavam, em simultâneo, um descentramento identitário e uma “pertença itinerante” (Les Back: 1996: 249), ou propenso imperialismo, expansionismo identitário, associado a um intenso desejo de percorrer e abarcar o mundo. Mais do que de uma afiliação local, regional ou nacional, vislumbrava-se uma afiliação mundial, real ou simbólica, espelhada em identidades sócio-espaciais flutuantes, plurais e disseminadas. Portugal, espaço que em tempos tinham abandonado, não só se tornara pequeno demais para imaginários evasivos, em permanente expansão, como deixara há muito de ser o único nóculo geográfico de referência, mesmo para aqueles que, saturados de Macau, ansiaram um dia pelo regresso.

Quase todos os jovens portugueses integrados no nosso estudo experimentaram, alguns mais do que uma vez, novos fluxos depois da sua reinstalação em Portugal (Inglaterra, Itália, Alemanha, Espanha, Holanda, Bruxelas, Brasil, Paquistão, Moçambique e novamente Macau figuraram no leque de destinos contemplados). Continuar a formação escolar ao nível graduado ou pós-graduado – integrando, entre outros, o Programa Erasmus de intercâmbio estudantil (Pessoa, 2002) -, bem como desenvolver uma dada actividade profissional no estrangeiro constituíram, assim, motores para voltar a atravessar as fronteiras nacionais por períodos de tempo mais ou menos prolongados, nalguns casos mesmo indefinidos, apresentando estas deslocações uma configuração bastante distinta daquela que caracterizou o fluxo para Macau, designadamente no que concerne às condições de vida nos destinos e modalidades de integração nos mesmos (evidenciando-se agora uma predisposição bastante mais aculturativa ou assimilativa que disjuntiva como antes acontecera). Aventuraram-se nestes novos movimentos sem os receios comuns ao primeiro ensaio, auto-confiança contrastada com a ansiedade de alguns jovens conterrâneos pouco disponíveis para lidar com as desvinculações mais ou menos temporárias e com as sensações de estranheza espacial, cultural e social inerentes à generalidade dos fluxos.

Esta deambulação espacial, cultural e sociabilística convertia-os em agentes cosmopolitas, “transnacionais” que revelam “(...) a stance toward diversity itself, toward the coexistence of cultures in the individual experience. (...) a willingness to engage the Other. (...) [a] stance of openness toward divergent cultural experiences, a search for contrasts rather than uniformity” (Ulf Hannerz, 1990: 239), os quais, como refere Giddens (1997: 175), “(...) se fortalece[m] com o facto de se sentir[em] em casa numa variedade de contextos”. Aliado a esse à vontade, o facto de terem amigos espalhados pelo mundo e de integrarem estrangeiros nos

seus círculos de amizade portugueses vem frisar também a dimensão cosmopolita e transnacional das suas identidades.

A nosso ver, a análise do hibridismo identitário e do propenso espírito “nómada” dos muitos jovens portugueses que passaram por Macau fez sobressair uma causalidade múltipla que se combina e interpenetra. Esses traços permanecem antes de mais intimamente associados à sua condição juvenil, isto é, a um capítulo biográfico pautado por expectativas, mudanças e transições, particularmente aberto à experimentação, sendo também tributários de mundo globalizado onde o fluxo de pessoas e bens é cada vez mais significativo. Procedem, em concomitância, da incorporação de duas das mais singulares características de Macau – o pluriculturalismo, bem como a rotatividade populacional quer de portugueses quer de chineses e macaenses para quem Macau era igualmente um local de passagem (Ngay, 1995: 42; Cabral e Lourenço, 1992: 19) -. Decorrem ainda de uma forma de ser e ver o mundo inconformada, aberta, flexível e permeável, própria dos muitos que se ausentaram um dia do país de origem ou referência, de quem foi desafiado a adaptar-se a um novo contexto vivencial, a deambular por espaços e a coabitar com gentes, hábitos e referências que obrigaram a uma reactualização profunda do catálogo pessoal e social até à data arquitectado. Também comuns aos destituídos de raízes, dada a sua incapacidade de ultrapassar o desnorteio do desenraizamento, bem como aos hiper-enraizados, ou com raízes difusas por múltiplos lugares, empenhados em expressar e alimentar esse pluri-enraizamento por meio da ampliação de identidades de configuração global. Por último e porque nos apercebemos que a deslocação para Macau não constituiu o primeiro ensaio migratório para a quase totalidade dos pais dos jovens biografados (e em alguns casos para os próprios), deixamos em aberto a hipótese de uma reprodução tendencial de trajectórias de mobilidade espacial (a constatação de que os progenitores e irmãos de alguns jovens também alinham hoje nestes movimentos contribui para reforçarmos esta ideia), ou dito de outro modo de uma disposição familiar para partir (naturalmente susceptível de ser fomentada ou retraída em função de inúmeras variáveis como o ciclo biográfico, aspirações e oportunidades sociais ou laborais, por contingências da vida).

Nesta medida, embora nem todos os que um dia deixaram as suas terras perspectivem tornar recorrentes as partidas - muitos migrantes acabam por estabelecer-se em definitivo nas sociedades de acolhimento como comprovaram Monteiro (1993: 324; 1994: 8) ou Amaro (1985: 356, 372); outros optam, depois do regresso por não voltar a sair em virtude de múltiplos factores como o peso da idade, o intento de criar ou fortalecer raízes, a conquista da estabilidade familiar ou profissional almejada, a vivência de uma experiência traumática no estrangeiro, o desejo de usufruir, na cidade de referência, as poupanças acumuladas em anos de trabalho árduo - alguns, como a generalidade dos jovens portugueses que integraram o nosso estudo, viram as suas trajectórias de vida atravessadas por inúmeros móbeis impulsionadores de novas deslocações. Assim, o cruzamento de um vasto rol de transitoriedades - biográficas, familiares, espaciais, histórico-temporais, sociais, sociabilísticas e societais dilataram as geografias vivenciais dos biografados, transfigurando, por ora, Portugal em porto de abrigo e o mundo em eixo de referência.

Referências bibliográficas:

- AMARO, Rogério Roque, “«Ei-los que Voltam» Problemas e Desafios do Regresso dos Emigrantes” in Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 15/16/17, Maio 1985 , pp. 351-373
- APPADURAI, Arjun, “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy” in Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity, Sage Publications, London, 1990, pp. 295-310
- BAUDRILLARD, Jean, *A Sociedade de Consumo*, Edições 70, Lisboa, 1995
- BAUDRILLARD, Jean, *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*, Edições 70, Lisboa, 1995
- BOURDIEU, Pierre, *La Distinction, Critique Social du Jugement*, Ed. Minuit, Paris, 1979

- BOURDIEU, Pierre, *O Poder Simbólico*, Difel, Lisboa, 1989
- CABRAL, João Pina, LOURENÇO, Nelson, “A Questão das Origens – As Relações Interétnicas e a Condição Feminina em Macau, *Sociologia Problemas e Práticas*”, nº 11, 1992, pp. 9-25
- CABRAL, João Pina, “Novos valores e formas de vida no Macau dos anos 90, in *Análise Social* nº121, 4ª série, vol. XXVIII, 1993, pp. 409-416
- CANEVACCI, Massimo, *Sincretismos - uma exploração das hibridações culturais*, Studio Nobel, Instituto Italiano di Cultura-Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, 1996
- CHATWIN, Bruce, *O Canto Nómada*, Quetzal Editores, Lisboa, 2000
- FEATHERSTONE, Mike, “Global Culture: An Introduction” in *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*, Sage Publications, London, 1990, pp. 1-14
- FEATHERSTONE, Mike, “Culturas Globais e Culturas Locais”, in *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia*, Oeiras, Celta Editora, Outubro de 1997, pp. 83-104
- FORTUNA, Carlos, *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais – Estudos Sociológicos de Sociologia Urbana*, Celta Editora, Oeiras, 1999
- GIDDENS, Anthony, *As Consequências da Modernidade*, Celta Editora, Oeiras, 1992
- GIDDENS, Anthony, *Modernidade e Identidade Pessoal*, Celta Editora, Oeiras, 1997
- HALL, Stuart, “The Question of Cultural Identity”, in *Modernity and its Futures*, Polity Press, Cambridge, 1992, pp. 274-316
- HANNERZ, Ulf, “Cosmopolitans and Locals in World Culture”, in *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*, Sage Publications, London, 1990, pp 237-251
- HUTNIK, Nimmi, *Ethnic Minority Identity, A Social Psychological Perspective*, Clarendon Press, Oxford, 1991
- JACKSON, John A., *Migrações*, Escher, Fim de Século Edições Lda, Lisboa, 1991
- JONES, Gill, “«The Same People in the Same Places?» Socio-Spatial Identities and Migration in Youth”, in *Sociology*, vol. 33, nº1, February 1999, pp. 1-22
- LES BACK, *New Ethnicities and Urban Culture - Racisms and Multiculture in Young Lives*, UCL Press Limited, London, 1996
- LIECHTY, Marc, “Media, Markets and Modernization – Youth Identities and the Experience of Modernity in Kathmandu, Nepal” in *Youth Cultures*, Routledge, London, 1995, pp. 166-197
- MACHADO, Fernando Luís, “Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade” in *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 16, 1994, pp. 111-134
- MACHADO, Fernando Luís, “Etnicidade em Portugal – Contrastes e Politização” in *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 12, 1992, pp. 123-136
- MAFFESOLI, Michel, *O Tempo das Tribos – O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2000
- MONTEIRO, Paulo Filipe, *Emigração, o Eterno Mito do Retorno*, Celta editora, Oeiras, 1994
- MONTEIRO, Paulo Filipe, *Emigrantes Imigrados: Da Lousã ao Connecticut, uma Investigação em Dois Tempos*” in *Emigração/Imigração em Portugal*, Actas do “Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc. XIX-XX), Editorial Fragmentos, Algés, 1993, pp. 323-347
- NETO, Félix, “Os Jovens e o Fenómeno Migratório” in *Nação e Defesa*, nº65, IDN, 1993, pp. 37-60

- NGAY, Gary, “As Perspectivas de Preservação e Fomento da Identidade Cultural de Macau no Próximo Século”, *Revista Administração*, nº 27, vol. VIII, 1995-1º, pp. 35-45
- PAIS, José Machado, “Lazeres e sociabilidades juvenis - um ensaio de análise etnográfica” in *Análise Social*, vol. XXV, nº 108/109, 1990, pp. 591-644
- PAIS, José Machado, *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1996
- PAIS, José Machado, “Transitions and Youth Cultures: forms and performances” in “Youth in Transition”, UNESCO 2000, Blackwell Publishers, Oxford, 2000, pp. 219-232
- PEIXOTO, João, “Migrações e Mobilidade: As Novas Formas da Emigração Portuguesa a partir de 1980”, in *Emigração/Imigração em Portugal*, Actas do “Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc. XIX-XX)”, Editorial Fragmentos, Algés, 1993, pp. 278-307
- PESSOA, Inês da Costa, “Estudantes Móveis: Realidade Nacional e perfil dos Erasmus Europeus” in *JANUS 2003*, PÚBLICO&UAL, Novembro 2002, pp. 82-83
- PINTO, José Madureira, “Considerações sobre a Produção Social de Identidade”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, Junho 1991, pp. 217-231
- PIRES, Rui Pena, *Migrações e Integração – Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Celta Editora, Oeiras, 2003
- ROCHA, Rui Manuel de Sousa, “Pensar Macau: Da Língua Portuguesa”, *Revista Administração*, nº 35, vol. X, 1997, pp. 49-58
- YAN, Sheng, “Questões de Comunicação e Entendimento Cultural em Macau”, *Revista Administração*, nº 33, vol. IX, 1996-3º, pp. 639-654
- SILVA, Manuela e outros, *Retorno, Emigração e Desenvolvimento Regional em Portugal*, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa, 1984
- WULFF, Helena, “Inter-racial friendship – Consuming youth styles, ethnicity and teenage femininity in South London” in *Youth Cultures*, Routledge, London, 1995, pp. 63-79
- ZHILIANG, Wu, “A Juventude de Macau, uma Geração no Período de Transição”, *Revista Administração*, nº 21, vol. VI, 1993-3º, pp. 597-604